



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Cora Coratim

Universidade Estadual de Goiás

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

## **CONCORDÂNCIA VARIÁVEL E LIVRO DIDÁTICO: ANÁLISE DE UM LD DO ENSINO MÉDIO**

### **VARIABLE CONCORDANCE AND COURSEWARE: A HIGH SCHOOL BOOK ANALYSIS**

Thaís Schoffen Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo verificar como são tratadas as questões da concordância verbal e nominal quanto ao seu aspecto variável no Português Brasileiro no livro didático (LD) da primeira série do ensino médio da coleção “Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e uso” (Cereja; Dias-Vianna; Damien, 2016), bem como problematizar o preconceito linguístico ainda presente na escola. Esta pesquisa é de natureza qualitativa, assim, a partir de uma fundamentação teórica nas áreas da Sociolinguística Variacionista e da Sociolinguística Educacional, como Sherre (2005) Lucchesi, Baxter e Silva (2009), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Faraco (2008), Cyranka (2015), Cardoso e Cobucci (2014) entre outros trabalhos, buscou-se refletir sobre o modo como a concordância, verbal e nominal, é tratada no livro didático analisado. Concluiu-se que o livro didático analisado, apesar de conter um subcapítulo exclusivo para tratar dos temas da variação linguística, em alguma medida, contribui para a difusão do preconceito linguístico na escola quanto aos temas da concordância verbal e nominal e seu aspecto variável.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Educacional. Livro Didático. Concordância Variável.

**Abstract:** This work aims to verify how verbal and nominal concordance are treated in terms of their variable aspect in Brazilian Portuguese in a courseware textbook of the first high school series from the collection “*Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e uso*” (Cereja; Dias-Vianna; Damien, 2016), as well as problematizing the linguistic prejudice which still present at school. This research is qualitative in nature, based on a theoretical foundation from the Variationist Sociolinguistics and Educational Sociolinguistics areas, such as Sherre (2005) Lucchesi, Baxter e Silva (2009), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Faraco (2008), Cyranka (2015), Cardoso and Cobucci (2014), among other works, sought to reflect on how verbal and nominal concordance is approached in the analyzed textbook. It was concluded that the textbook analyzed, despite containing an exclusive sub-chapter to deal with the themes of linguistic variation, to a certain extent, contributes to the spread of linguistic prejudice in the school regarding the themes of verbal and nominal agreement and its variable aspect.

**Keywords:** Educational Sociolinguistics. Textbook. Variable concordance.

#### **Introdução**

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: [schoffenthais@gmail.com](mailto:schoffenthais@gmail.com).



**ANAIS**

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Cordeiro  
**Universidade  
Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

A partir do desenvolvimento da Sociolinguística Educacional no Brasil, muito se tem discutido sobre a importância de trabalhar a diversidade linguística em sala de aula, tanto para a formação de professores mais preparados para lidar com as variedades de seus próprios alunos, quanto para combater o preconceito e formar alunos que sejam capazes de se comunicar adequadamente, nas mais diversificadas situações de interação. As variedades linguísticas utilizadas pelos falantes marcam sua identidade social (Bortoni-Ricardo, 2004), assim, é inconcebível que a escola se coloque de maneira a estigmatizar qualquer variedade linguística. No entanto, ao longo da história tem ocorrido uma sobreposição da variedade de prestígio em relação às demais no ensino de Línguas.

Muitas variantes linguísticas, como é o caso da concordância variável, ainda carregam estereótipos, o que faz com que seus falantes recebam avaliações negativas e, diante de um trabalho, muitas vezes, fragmentado no ensino de Língua Portuguesa, encontrem dificuldades para inserção em determinados espaços sociais. Callou (2014) destaca que o purismo linguístico dentro da escola não traz resultados positivos, uma vez que os alunos pertencem ao mais diversos grupos sociais, diversas comunidades de fala e diversas comunidades de prática.

Partindo destes pressupostos, este artigo buscou, a partir de um aporte teórico da Sociolinguística Educacional e da Sociolinguística Variacionista, reflexões qualitativas sobre a concordância variável e o modo de abordagem deste tema no LD analisado.

Foi escolhido um LD classificado para a primeira série do Ensino Médio, esta escolha foi motivada por dois pontos principais. O primeiro é o fato de que o esta série caracteriza uma fase de transição para o aluno que, em pouco tempo, ao final do Ensino Médio, será considerado um falante culto. O segundo motivo está no fato de que, de maneira geral, a variedade linguística como conteúdo programático é trabalhada durante o desenvolvimento dessa série, assim, acreditou-se que, como a concordância variável é grande alvo de preconceito linguístico, o LD poderia trazer discussões sobre o tema no subcapítulo que tratasse dessas variedades.

O LD escolhido é parte da coleção “Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e uso” (Cereja; Dias-Vianna; Damien, 2016), amplamente utilizada no Brasil, especialmente no núcleo educacional de Maringá, em que a coleção é utilizada em todos os colégios da rede estadual no contexto do Ensino Médio regular. Um de seus autores, Willian Roberto Cereja, é bastante conhecido no mercado de Livros Didáticos de LP e tem três coleções publicadas para Ensino Fundamental e Médio, além de outros materiais didáticos que não integram coleção. A popularidade da coleção a qual pertence o LD analisado também foi levada em conta no momento da escolha do material.

### **Ensino de Língua Portuguesa, livro didático e a concordância variável**

O livro didático representa hoje, na maioria dos contextos de escola pública, o único recurso de apoio de muitos professores. Assim, faz-se necessário que tais ferramentas contemplem os eixos de ensino de língua portuguesa de uma maneira a promover um ensino eficiente. Dentro do eixo de ensino de análise linguística (Paraná, 2008) é pretendido que o aluno reflita sobre a língua para além de uma perspectiva gramatical, uma perspectiva que contemple a reflexão do uso. Para que isso aconteça é fundamental um trabalho sistematizado com as variedades linguísticas, que deve ocorrer não apenas como um conteúdo programático



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

específico, mas de maneira a permear todos os conteúdos da disciplina (Silva, 2017), o que difere do ensino tradicional centrado na gramática normativa. Para Bagno,

Uma coisa não podemos deixar de reconhecer: existe atualmente uma crise no ensino da língua portuguesa. Muitos professores, alertados em debates e conferências ou pela leitura de bons textos científicos, já não recorrem tão exclusivamente à gramática normativa como única fonte de explicação para os fenômenos lingüísticos. Por outro lado, sentem falta de outros instrumentos didáticos que possam, senão substituir, ao menos complementar criticamente os compêndios gramaticais tradicionais (BAGNO, 2007, p. 105).

Essa postura tradicionalista dos livros didáticos, também é observada por Faraco mais recentemente:

Raramente os livros didáticos tratam da variação social- isto é, dos contrastes, conflitos aproximações e distanciamentos entre as variedades do português chamado popular (a norma popular) e as variedades do português chamado culto (a norma culta/ comum/ *standard*) (FARACO, 2008, p. 180 apud CYRANKA 2015, p. 33).

Lima (2014) problematiza o fato de que, geralmente, os livros didáticos que dispõem de um trabalho com as variedades linguísticas o fazem apenas em um capítulo específico e não como uma abordagem de pedagogia da variedade linguística, pontuando que autores de LD com publicações anteriores aos documentos que exigem os temas de oralidade e variedade linguística trabalhados de maneira sistematizada pelos materiais tenderam por acrescentar um capítulo às edições anteriores para tratar destes tópicos. O autor afirma ainda que isto não seria um trabalho ideal para a variedade, uma vez que o aluno teria necessidade de entender como funcionam na prática as variedades linguísticas o que pode ocorrer de maneira mais efetiva quando estes temas são abordados paralelamente aos conteúdos textuais e de gramática normativa. Quanto à variedade linguística no Plano Nacional do Livro Didático, o autor afirma:

Dois comentários já podem ser tecidos a respeito do tratamento da variação linguística no PNLND: primeiro, que a ideia exposta na secção anterior, de que esse tema deve ser parte de todos os níveis de ensino, se reflete na prática, já que todos os guias fazem menção à variação libguística, com destaque para o guia dos anos iniciais do ensino fundamental, em geral, um espaço para aprendizado de nomenclaturas gramaticais, como as das classes de palavras; segundo, que o guia do ensino médio assume que o aluno desse nível já deve ter assimilado o conceito de variação linguística e em vez de tratá-lo como novidade, parte dele para lançar outras questões como a da interação social preparatória para o mundo do trabalho (LIMA, 2014, p. 119).

O conteúdo da concordância, tanto nominal quanto verbal, não pode ser tratado apenas do ponto de vista gramatical, já que a realização da concordância no Português Brasileiro tem uma série de variações. Reduzir este tema ao que prescreve norma gramatical tradicional é faltar com o eixo da análise linguística, uma vez que no real funcionamento da língua estas normas



**ANAIS**

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio  
Corá Coráima  
**Universidade  
Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

se expandem. Conforme Cyranka, “Nossa proposta parte da consideração da língua como fenômeno em constante variação, visto não apenas em relação à diacronia/sincronia, mas também na sua dimensão social e política” (CYRANKA, 2015, p. 36). Nesse sentido, é fundamental que a discussão das variáveis de concordância ocorram de modo a refletir sobre as diferentes normas cultas e populares que existem dentro de um mesmo PB, bem como sua valoração social.

Para Faraco,

A expressão norma/culta/comum/*standard* designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem em situações mais monitoradas de fala e escrita. Esse vínculo com os usos monitorados e com as práticas da cultura escrita leva os falantes a lhe atribuir um valor social positivo, a recobri-la com uma capa de prestígio social (FARACO, 2008, p. 71).

É também indispensável distinguir a norma culta falada da norma culta escrita. Isso porque há fenômenos que ocorrem na fala culta (pela sua grande proximidade com a linguagem urbana), mas não ocorrem na escrita culta ou chegam mesmo a ser criticados quando nela aparecem (FARACO, 2008, p. 50).

Dessa forma, o trabalho com as normas cultas/comuns/*standard*, tanto escritas como faladas, deve ocorrer de modo a explicitar que estas normas não são mais prestigiadas por estarem de acordo com a gramática normativa, até porque esta gramática não pauta completamente nenhuma variedade, mas sim por questões sociais ligadas a quem são os seus falantes.

Bortoni-Ricardo (2005) desenvolveu um contínuo em que se dispões as variedades mais rurais e urbanizadas, no meio do contínuo se situariam o que a autora chamou de variedades “rurbanas”. Em um extremo deste contínuo estão situados os “traços graduais”, que aclopariam as variedades mais prestigiadas e mais aceitas socialmente por fazerem parte do meio urbano, ainda que não estivessem de acordo com as prescrições da gramática normativa. No outro extremo, encontram-se os “traços descontínuos” que indicam as variedades que são alvo de maior preconceito, típicos dos falantes rurais. Algumas das variações de concordância se situam enquanto traços descontínuos, como é o caso das construções: “nós vai”; “a gente fomos”; “eles foi” que são altamente estigmatizadas.

Cyranka (2015) utiliza deste mesmo contínuo para afirmar que a fala dos alunos de escola pública no Brasil são, em maioria, falantes rurbanos, que tem em sua fala tantos traços descontínuos, quanto traços graduais, ou seja, também falantes que utilizam das variáveis de concordância.

### **A concordância e suas variáveis no Português Brasileiro**

Para Cardoso e Cobucci (2014), “Em linhas gerais, a concordância tem sido entendida como um fenômeno gramatical no qual a forma de uma palavra em uma sentença é determinada pela forma de outra palavra com a qual tem alguma ligação gramatical” (CARDOSO; COBUCCI, 2014, p. 74). A gramática tradicional divide as normas de concordância em verbais e nominais. As normas verbais dizem respeito a como a conjugação verbal é determinada para



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Clareira Cora Coratini  
**Universidade Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

concordar com o sujeito dentro de um sintagma verbal, enquanto que a concordância nominal determina como as demais classes de palavras como substantivos, artigos e adjetivos concordam em gênero e número entre si dentro de um sintagma nominal. Tanto a concordância verbal, quanto a concordância nominal variam de acordo com questões diatráticas e diafásicas no PB.

Alguns teóricos, como é o caso de Lucchesi (2008), afirmam que a concordância variável do Português Brasileiro seria uma herança da criolização do Português na época da colonização, Naro e Sherre (2007), porém, não trabalham com esta hipótese por basearem seus estudos numa teoria de deriva linguística. Independente das origens das variáveis de concordância, é possível afirmar que estas variáveis seriam as mais estigmatizadas do Português Brasileiro e o maior alvo de preconceito linguístico, geralmente classificadas como uma variante social pertencente às classes mais baixas e de pessoas menos escolarizadas, ou seja, consideradas falantes não cultos.

A concordância no sintagma nominal, como já definida anteriormente, é a que ocorre entre as classes de palavras que não são verbos, dentro de um sintagma nominal. Bechara define a concordância nominal como: “a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou o pronome (palavras determinadas) a que se referem” (BECHARA, 2008, p.163). A concordância de gênero se realiza no Português Brasileiro, de maneira geral, sem descontinuidade, não é comum que um falante discorde as questões de gênero entre artigos e substantivos, portanto, a variável que é objeto de estudo ocorre na concordância de número.

O português têm como característica da concordância de número uma redundância entre os termos que compõem um sintagma nominal,

[...] em português, a concordância nominal é a equivalente entre o número do substantivo e o dos determinantes e/ou dos participios com ele relacionados: a forma do substantivo determina a forma dos determinantes e/ou dos participios a ele interligados. Assim, se o substantivo estiver no plural, os determinantes e/ou participios provavelmente também estarão e isso é uma característica redundante do português que o diferencia, por exemplo, do inglês e do japonês [...] (CARDOSO; COBUCCI, 2014, p. 87).

A variação de número no PB ocorre exatamente pela quebra desta redundância, fazendo com que o número marcado por plural do artigo no sintagma nominal, não seja repetido no substantivo, pronome ou adjetivo que o segeem, como no exemplo de Cardoso e Cobucci “Gastamos uns quatro quilo de peixe” (CARDOSO; COBUCCI, 2014, p. 89). No exemplo, palavra “quilo” não concorda em número com o artigo “uns”, já que o artigo já está marcando o plural enquanto que o substantivo “quilo” aparece no singular. Construções como a do exemplo são extremamente comuns no Português Brasileiro e podem ser alvo de preconceito linguístico.

A concordância no sintagma verbal trata-se da concordância entre o verbo e sujeito, a forma do sujeito deveria, então, determinar a forma do verbo. As formas variáveis, assim como nos casos de concordância nominal também se tratam de flexões de número. Cardoso e Cobucci (2014) assossiam as variedades de concordância verbal ao paradigma pronominal. A partir do processo de gramaticalização das formas “você” e “a gente”, o quadro de conjugação verbal a



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

partir dos pronomes pessoais do caso reto fez com que a maior parte dos pronomes dispusessem de flexões verbais iguais, como exemplificado no quadro 1 a partir das conjugação do verbo andar no presente do indicativo.

**Quadro 1** – Conjugação do verbo andar no presente do indicativo.

Eu ando.	Eu ando.
Tu andas.	Você anda.
Ele/Ela anda.	Ele/Ela anda.
Nós andamos.	A gente anda.
Vós andais.	Vocês andam
Eles/Elas andam.	Eles/Elas andam.

O número de conjugações possíveis foi reduzido pela metade, de seis, uma para cada pronome, para três, uma comum a segunda pessoa do singular, terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural, outra comum a segunda e terceira pessoa do plural e uma exclusiva ainda para a primeira pessoa. Assim, a redução nas formas de conjugação dos pronomes à direita no quadro teria influenciado o modo como os falantes realizam a concordância.

Lucchesi, Baxter e Silva (2009) afirmam que mesmo a conjugação de verbos em primeira pessoa do singular sofreu variáveis de concordância em algum momento durante o período de colonização e ainda pode sofrer esta variação em regiões específicas por influência de línguas africanas.

O encaixamento linguístico do uso do morfema verbal de 1ª pessoa do singular na gramática da comunidade rural afro-brasileira de Helvécia revelou que a concordância verbal é favorecida quando o sujeito pronominal está realizado imediatamente antes do verbo e é muito desfavorecida quando o sujeito está posposto ao verbo. Essa é uma correlação que se aplica ao fenômeno da concordância verbal como um todo no Português Brasileiro, independentemente da pessoa do discurso, e se observa também em outras línguas, tornando-se um sério candidato à condição de ser um condicionador universal do processo de variação e mudança em relação à regra de concordância verbal ( LUCCHESI; BAXTER; SILVA, 2009, p. 345).

Vale ressaltar que esta variável de concordância na primeira pessoa do singular ocorre apenas, como descrevem os autores, em contextos específicos de influência de línguas de matriz africana, o que torna esta variação menos recorrente do que as variações que ocorrem aos outros pronomes pessoais do caso reto.

Para Scherre (2005),

[..] concordância verbal em português não é regida pelo núcleo do sujeito, mas por traços, que podem aparecer também em outras funções sintáticas, a saber, no núcleo do adjunto ou do complemento nominal e no núcleo do predicativo.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Normalmente os traços controladores da concordância – o principal deles é o número sintático singular ou plural – concentram-se no núcleo do sujeito, provocando a ilusão de que é o núcleo do sujeito que controla a concordância e que os demais casos são particulares ou especiais (SCHERRE, 2005, p. 134).

Assim, é possível inferir que a autora afirma que, ao contrário do que é prescrito pela gramática tradicional, nas práticas de uso da língua o sujeito é que concordaria com o verbo e não o contrário. Um exemplo trazido pela própria autora (apud Cardoso e Cobucci, 2014) que comprovaria esta hipótese é “O peso dos trajes representam” (SCHERRE, 2005), em que o verbo “representam” concorda com “trajes” e não com o núcleo sujeito da oração “peso”. Isso ocorre por questão de proximidade do verbo com o termo no plural, construções como essa são muito comuns, tanto na língua escrita, quanto na língua falada, não são alvo de preconceito linguístico e são plenamente aceitas em situações de uso da norma culta. No entanto, o mesmo processo ocorreria com as formas mais estigmatizadas.

Naro (1981) destaca, ainda, que a saliência fônica influencia a realização da concordância verbal, uma vez que há uma perda da marca de plural explícita no verbo, especialmente na terceira pessoa do plural/singular. O que resultaria em exemplos como “eles anda” ao invés de “eles andam”, a queda do marcador de plural na terceira pessoa é extremamente comum no Português Brasileiro.

### **Análise da concordância variável no LD**

A palavra “concordância” é explicitamente mencionada no LD analisado por quatro vezes, não há um capítulo específico para tratar das questões da concordância verbal e nominal, porém o tema é mencionado em um momento durante uma atividade sobre variedades linguísticas.

Esta atividade está situada em um subcapítulo denominado “Variedades Linguísticas”, é proposto para o aluno, nos itens a e b, reescrever um trecho da canção lida anteriormente na íntegra conforme as regras da norma padrão escrita e discutir as diferenças entre as duas variedades. Este tipo de atividade, é bastante comum em LD de língua portuguesa (Busse e Rodrigues, 2018), porém se mostra uma atividade bastante problemática pois provoca o sentido de que a variedade apresentada necessita de correção, ou seja, é uma variedade errada, o que pode reforçar o preconceito contra às variáveis de concordância, uma vez que este é um dos tópicos que, conforme a resposta sugerida, necessita de correção. Essa abordagem se torna ainda mais grave ao se levar em consideração o fato de que a canção representa, segundo a generalização feita pelo livro, uma variedade nordestina. Conforme Bagno (2007), as variedades nordestinas são alvo de preconceito linguístico por parte das grandes mídias, uma atividade de “correção” desta variedade regional ajudaria a difundir ainda mais o preconceito que sofrem todas as variedades regionais presentes no nordeste brasileiro.

**Figura 1** – Atividade de reescrita de uma canção de Luís Gonzaga e Zé Dantas.



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

**6.** Releia as orações:



“os nordestino têm muita gratidão”

“pidimo proteção a vosmicê”

“nunca mais nós pensa em seca”



- a. Reescreva as orações segundo as regras da norma-padrão escrita.  
*Os nordestinos têm muita gratidão / pedimos proteção a vossa mercê / nunca mais nós pensamos em seca.*
- b. Discuta com os colegas e o professor: Quais são as diferenças entre a forma original e a forma das orações conforme a norma-padrão? Na 1ª, o plural em *nordestinos*; na 2ª, a ortografia e o acréscimo do *s* em *pidimo* e a ortografia em *vosmicê*; na 3ª, a ortografia em *nós* e a concordância verbal em *pensamos*.
- c. Observe a concordância entre o sujeito e o verbo em cada oração. Há uma regra comum para as três? Explique como ela é feita em cada uma.

Extraído de Cereja; Dias-Vianna; Damien, 2016.

O item c propõe que os alunos reflitam sobre as realizações da concordância verbal e nominal no trecho da canção, uma atividade de análise linguística que, se mediada pelo professor, pode abrir espaço para discussões sobre regularidades e normas linguísticas que fogem à padrão. A resposta sugerida para este item é a seguinte:

**Figura 2** – resposta ao item C

6. c) Não. Na primeira, o verbo está no plural, concordando com o sujeito. Na segunda, o verbo concorda com o sujeito, mas tem uma grafia influenciada pela fala, diferente da padrão. Na terceira, o verbo está no singular e o sujeito, no plural.

Extraído de Cereja; Dias-Vianna; Damien, 2016.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

A resposta sugerida pode dar a entender, se não houver a mediação do professor, que as formas de concordância variável ocorrem de maneira descontinuada e caótica porque não há uma reflexão sobre as regras que resultam em cada um dos casos descritos, desconsiderando que toda variedade, por mais que não padrão, tem uma norma de funcionamento dentro da língua.

Depois desta atividade a palavra “concordância” aparece ainda uma vez, porém não com o sentido de tópico gramatical e torna aparecer apenas nas orientações para o professor em uma citação de Ilari e Basso (2009) durante um texto para o professor em que os autores tratam do ensino de gramática: “um mesmo ‘roteiro padrão’, que inclui, basicamente, as classes de palavras, a morfologia flexional e derivacional, a concordância, a sintaxe da oração e a sintaxe do período” (ILARI; BASSO, 2009, p. 212 apud CEREJA; DIAS-VIANNA; DAMIEN, 2016, p. 356 ). Os autores usam desta citação para defender que em sua coleção de livros didáticos os conteúdos programáticos são pautados em reflexões críticas que se desprendem do roteiro padrão mencionado por Ilari e Basso (2009).

Além do exposto, não há mais nenhuma menção direta ou indireta à concordância nominal ou verbal e variáveis.

### **Considerações finais**

Conclui-se que, apesar de expor algumas variáveis da concordância e reservar um subcapítulo para as questões da variedade linguística, o LD analisado não apresenta um trabalho orientado por uma pedagogia da variação dentro dos aspectos analisados, porque não propõe reflexões de profundidade sobre o uso da língua no que diz respeito à concordância variável e às normas que a organizam dentro do Português Brasileiro.

Mesmo que os autores se posicionem explicitamente a favor de um ensino de Língua Portuguesa centrado em reflexões críticas, foi observada uma postura mais pautada na gramática normativa nas atividades analisadas, que utilizam dos conceitos de certo e errado de maneira a deixar subentendido que as variáveis da concordância que vão além do que prescreve a gramática normativa seriam erradas.

Destaca-se que o presente artigo analisou apenas o trabalho com a concordância variável neste LD e a importância de pesquisas que estudem o Livro Didático de Língua Portuguesa nos mais diversos tópicos e embasamentos teóricos já que configura uma ferramenta tão primordial para o ensino, especialmente para o ensino público.

### **Referências**

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é e como se faz.** 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.



**ANAIS**

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Coradina  
**Universidade Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemo na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo, Parábola, 2005.

BUSSE, Sanimar; RODRIGUES, Thaís Schoffen. Estudo da abordagem dos fenômenos da variação e diversidade da língua portuguesa em livros didáticos. In: 4º ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA E INOVAÇÃO, 2018, Cascavel. **Anais...** . Cascavel: Edunioeste, 2018. Disponível em: <<https://midas.unioeste.br/sgev/eventos/iv-eaicti/anais>>. Acesso em: 17 set. 2019.

CALLOU, Dinah. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueredo (org.). **Ensino de Gramática: descrição e uso**. Descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 13-27.

CARDOSO, Caroline Rodrigues; COBUCCI, Paula. Concordância de Número no Português Brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris *et al* (org.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014. p. 71-107.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias; DAMIEN, Christiane. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso** (manual do professor). São Paulo: Saraiva, 2016.

CYRANKA, Lúcia Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: FARACO, Carlos Alberto *et al* (org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015. p. 31-51.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Ricardo Joseh; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. Variação Linguística es livros didáticos de português. In: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (org.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 115-132.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 331-371.

LUCCHESI, Dante. Africanos, crioulos e a língua portuguesa. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008b. p.151-180.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. Rio de Janeiro: Parábola, 2007.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

NARO, Anthony; The Social and Structural Dimensions of a Syntactic Change. **Language**, v. 57, n.1, p. 63-98, 1981.

PARANÁ (Estado). **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa**. Curitiba, 2008.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, Flávio Brandão. **A abordagem da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa em instituições públicas de ensino do Estado do Paraná**. 2017. 224 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.